

A omissão como estratégia

Gerson Menezes

A era tecnológica beneficia a fórmula em detrimento do conteúdo. A maioria dos meios de comunicação "de sucesso" utiliza essa fórmula, e os que não obtêm sucesso, na maioria das vezes, não hesitariam em utilizá-la, caso dominassem a técnica necessária correspondente. Certamente nenhum candidato presidencial deixará de lado também esse postulado "técnico" e o utilizará no momento em que ele puder lhe render votos. No caso do debate de ontem, as razões dos dois ausentes são distintas, mas a motivação é exatamente a mesma: comparecer ao debate, tanto para Ulysses, como para Collor, não resultaria em votos a mais. Ao contrário: resultaria na perda de votos.

Em relação a ambos, o que difere é o invólucro, esse elemento tão supervalorizado nas telégrafas sem nenhum conteúdo, mas que obtém tanto sucesso de Ibope. A questão é que o domínio da técnica pressupõe o uso da embalagem em dosagem exata, a ponto de encobrir a ausência de conteúdo. Quem domina essa premissa domina a técnica, e é exatamente aí que se delinea a fronteira entre o sucesso e o fracasso.

Fernando Collor disporia desse invólucro, a julgar pela opinião de eleitoras que sabidamente confessam sua disposição de votar nele "porque ele é bonito". Tem a seu favor a idade e a disposição física para atuar frente a um eleitorado que alimentou esperanças recentemente por um candidato e viu todas essas esperanças desmoronarem em razão exatamente do excesso de idade e da falta de disposição física de um ídolo igual-

mente fabricado por um conjunto de maquinações políticas, sem que se deixassem de lado as maquinações "tecnológicas". Certamente Tancredo Neves, apesar do "conteúdo" preconizado por seus aliados políticos, não teria alcançado a popularidade a que chegou, sem a adesão dos meios de comunicação à sua campanha.

Monólogo

Collor de Mello utilizou-se até agora do invólucro de que dispõe, e dosou a divulgação do "conteúdo", mas enquanto a primeira dosagem depende apenas de seu porte e disposição física, o segundo fator depende basicamente das formulações "em laboratório" de uma assessoria que sabe o que o público quer ouvir. No caso, é óbvio que o monólogo cabe melhor do que o diálogo. Collor, num debate, não pode preparar fórmulas preconcebidas, até porque terá que responder a perguntas das quais não terá conhecimento prévio. Num programa de partido, ele diz o que lhe convém e deixa de dizer o que não lhe convém, mesmo que seja a sua opinião. Certamente, durante toda a sua campanha, continuará preferindo o monólogo ao diálogo.

Ulysses Guimarães disporia, eventualmente, de mais "conteúdo". É um homem mais experiente, do ponto de vista político, e certamente mais apto administrativamente do que o candidato do PRN. O "invólucro", no entanto, lhe foi tirado pela idade, e isso ele não pode mudar. No caso de Ulysses, é impossível mudar o invólucro. No caso de Collor, é impossível mudar o conteúdo. Ambos só virão a público devidamente "embalados" para enfrentar a concorrência de mercado.